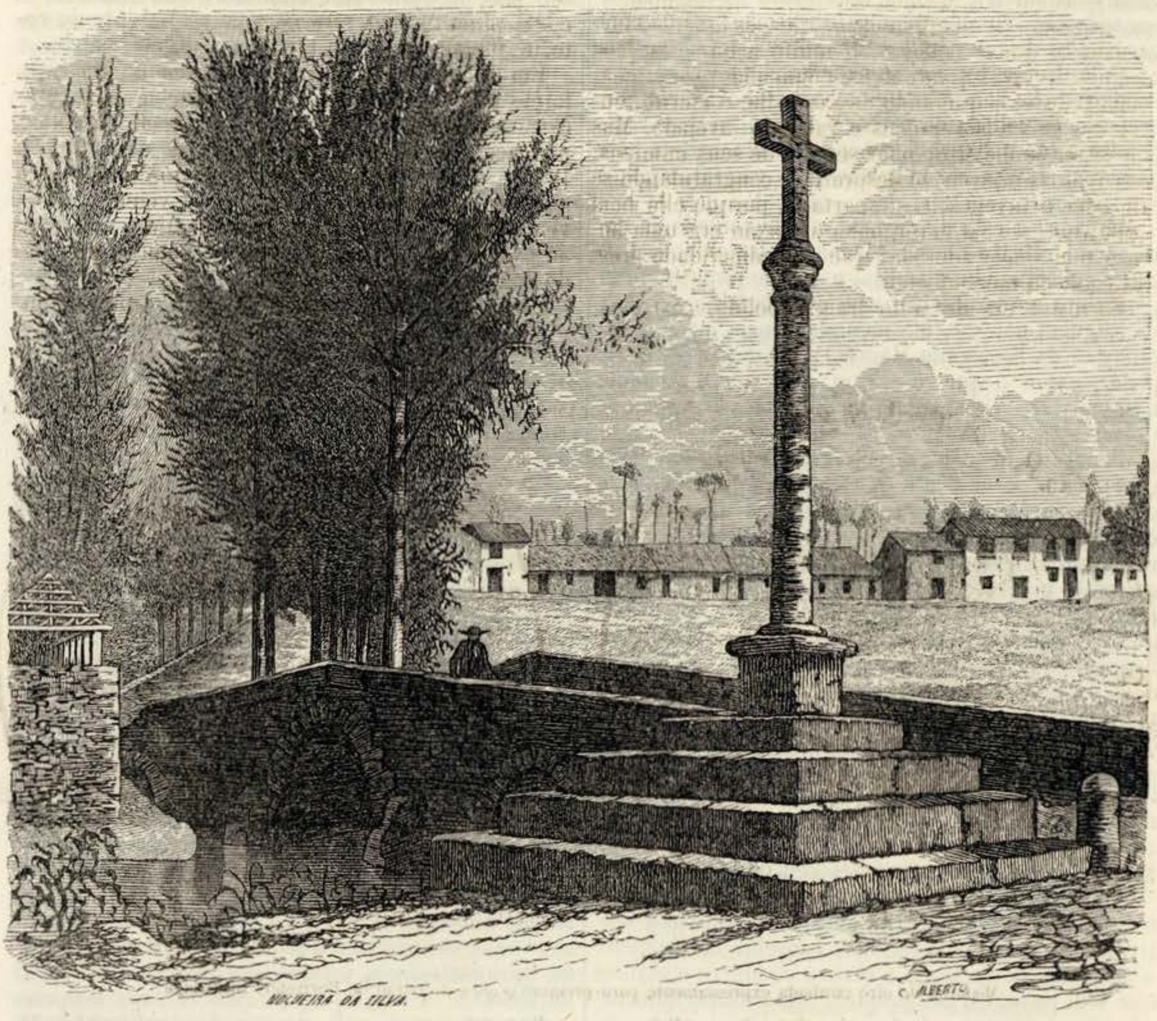


A estrada de Braga ao Porto — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Caetano Alberto (vid. pag. 364)

INAUGURAÇÃO DO RETRATO DE A. HERCULANO NO RIO DE JANEIRO.

A virtude louvada vive e cresce,
E o louvor altos casos persuade.

A. FERREIRA — Poemas Lusitanos.

Sabem já os nossos leitores, que os bons portuguezes socios da Madrépora, associação fundada no Rio de Janeiro para promover a instrucção publica em Portugal, tinham mandado fazer o retrato do nosso eximio historiador, pelo mais habil retratista que hoje temos, para ser inaugurado no memoravel dia 1 de dezembro, na sala do conselho da directoria do «Gabinete portuguez de Leitura», ha annos instituido n'aquella imperial corte.

Agora vão ser informados de quanto se passou n'esta solemnidade, por uma testimunha ocular, que se dignou enviar-nos pelo ultimo paquete do Brasil o relatorio que em seguida publicâmos.

A eleição do dia anniversario da restauração da nossa independencia, para n'ella se prestar tão patriotica homenagem ao escriptor que tanto tem relevado os nossos fóros, as nossas grandezas passadas, e propugnado pela liberdade e gloria de Portugal, bastava para realçar e afamar este acto da Sociedade Madrépora, cuja alta significação facilmente se comprehende.

Apesar da tristeza e sentimento de que se acham possuidos os nossos concidadãos residentes no Rio de Janeiro, pela escandalosa surdeza do governo, ou antes, do ministro dos negocios estrangeiros, ás repetidas queixas por elles feitas contra o consul portuguez n'aquella capital, apesar d'isto, o dia da solemne inauguração do retrato de Herculano, foi de grande jubilo para todos os nossos patricios, e nunca, entre nós, se prestou a auctor vivo, tão respeitosa e voluntaria homenagem como esta.

Mas tambem nunca o saber, o trabalho e a probidade se conjunctaram tão harmoniosamente n'um só homem, como em A. Herculano. Parecêra esta affirmativa fascinação de discipulo e amigo, se o consenso publico não a tivera já homologado.

A gratidão nacional recompensará a benemerita e honrada Sociedade Madrépora por este acto de justiça, de patriotismo, e de culto ás lettras.

Leâmos agora com alacridade o relatorio da inauguração do retrato, travando o dissabor que a todos deve causar a occultação dos nomes dos promotores d'esta publica homenagem, porque assim o prescrevem os estatutos d'aquella modesta Sociedade.

O favoravel acolhimento com que tem sido recebido por todos os homens que ainda não descreram da virtude e do progresso, os actos e as idéas d'esse punhado de individuos que, com os olhos em Deus, vêem — como elle manda, não como se costuma — em todos os seus similhantes um irmão; e que com verdadeiro desinteresse, e sem pompa, os soccorrem n'aquillo que entendem se acham mais necessitados, encobrindo-se com o pseudonymo de Sociedade Madrépora, os colloca na restricta obrigação de corresponder a tão apreciavel conceito, sendo sempre verdadeiros, simplices e honestos, para não falsearem o seu proposito.

Dá causa a esta applicação, a solemnidade da entrega do retrato do sr. Alexandre Herculano, que não se effectuando nem com as deslumbrantes galas (como era nosso desejo), nem com as faltas que talvez alguem notasse, me incumbe, como membro da direcção da Sociedade Madrépora, o dever de, como podér, expor o que se passou, para que a *verdade*, nossa divisa, seja mantida como cumpre a quem se préza.

Conformando-se os directores inscriptos no presente anno, com o que a respeito da solemnidade d'este acto foi resolvido pelo corpo deliberativo do Gabinete Portuguez de Leitura, e consistindo essa resolução em se effectuar a entrega com a possivel modestia e recato, por causa *de acontecimentos que não devem ser relatados aqui*, já se vê, que ainda assim, o que houve de brilhante n'esse acto, ao qual ligâmos um pensamento altamente civilisador, foi devido a esse sentimento despertado em grande numero de portuguezes com tal noticia, e não que cooperassem para elle os nossos directores.

Da mesma fórma, toda a pompa da sala do conselho (logar que destinou para o retrato a directoria do Gabinete), foi a expensas da direcção do mesmo conselho, e a esses cavalheiros cabem as honras da maneira por que receberam o seu illustre hospede.

Fique portanto cada um com o que lhe pertence; á Sociedade Madrépora a ventura de ter dado motivo a este acto; á direcção e conselho do Gabinete a gloria de lhe ter dado o realce, o valor, e o alcance que sem duvida d'elle provirá, como n'aquella occasião se manifestou.

Ao descerrar-se a cortina com que o retrato se achava coberto, todas as pessoas que enchiam a sala se levantaram espontaneamente; e com quanto não fosse estranho para muitos o transumpto do benemerito cidadão que n'quelle momento se honrava, por gloria propria o contemplavam em respeitoso e doce enlevo. Dissereis que um impulso d'alma, assoberbando os sentidos, fazia transluzir no semblante de todos essa magica auréola com que nos decóra a virtude, quando se embebe de todo em nosso espirito, por se achar o coração transbordando de um sentimento elevado e terno!

Senti o que escrevo, e depois pensei:

Assim os portuguezes não tivessem mais de athenienses que de espartanos! Assim soubessem *sentir* menos e *praticar* mais.

O nosso incansavel director geral, apesar de acharse bem enfraquecido por um tenaz padecimento que soffre ha cinco mezes, não quiz faltar a esta festa, lendo o seguinte discurso com voz firme, mas não sem custo:

> «O Evangelho é um protesto escripto por Deus e para os seculos, contra as vãs distincções que a força e o orgulho radicaram n'este mundo de lodo, de oppressão e de sangue.»
>
> A. HERCULANO. — Eurico.

SENHORES: — Carrega a nossa epocha com a pécha de materialista, de descrente e de sceptica, ao menos entre nós os portuguezes; e com tão vivas côres nos tem sido desenhado esse miseravel estado da sã moral, pelos nossos homens mais intelligentes, tal copia de exemplos elles hão juntado para proval-o, que talvez não erre, suppondo uma excepção todo aquelle que não se acha convencido d'isso.

Dar-se-ha aqui o caso em que a alta dóse do remedio tenha aggravado a molestia do enfermo?

Assim o creio.

Os homens que assim fallam, não tem tido seguramente em vista destruir-nos o pouco que ainda nos resta de sentimentos nobres e generosos; mas é possivel que por effeito da pessima educação, e exigua instrucção dos seus ouvintes, tenham, antes, apagado em muitas almas alguns restos de virtude, suavisando-lhes o remorso, ou destruindo-lh'o, com o conhecimento de que em Portugal não ha nada de nobre, nada de grande e generoso, por ter chegado n'elle a gangrena do vicio ao seu ultimo periodo, do que incitado a extremos aquelles que dotados de uma alma de tempera mais forte reagem, sem duvida, por uma fatalidade inherente a ella, contra o repugnante e temeroso aspecto d'essa medonha enfermidade.

Eu, senhores, escuso declarar-vos que nunca acreditei (nem acredito) em similhante estado, porque no homem sómente vejo um instrumento de Deus, e no mundo o laborar do seu grande Espirito.

Que importa ter principiado esta lida do homem na terra por um Abel e um Caim; por uns judeus que não attenderam a Samuel; por uns perversos que propinaram a cicuta a Socrates; em fim, por constar esta lucta cruel e tenaz entre o — Bem e o Mal; se esta é a condição fatal da nossa existencia, e a origem ou a manifestação da nossa grandeza, da nossa liberdade, do nosso poder?... Que importa isso, se Christo nos ensinou como o Bem poderá um dia triumphar completamente do Mal; se a historia nos prova que o mundo se tem melhorado com esse ensino, e se a razão nos demonstra que o Evangelho é a perfectibilidade? Venha a paz e a esperança a nossas almas, pois que esta nossa realeza — o livre arbitrio, existe subordinada, individualmente, ao todo da humanidade, e este todo é dirigido pela mão de Deus.

Não é possivel, pois, descrer dos sentimentos generosos, crendo-se em Deus; e se a nossa epocha é a mais sincera n'essa crença, se tende e trabalha para limpal-a dos calculos da politica, se combate denodada contra os escandalos do fanatismo, e contra os sordidos interesses de seita; e se finalmente forceja por varrel-a das ridiculas glosas humanas, póde dizer-se que não tem um *fim*, uma *missão*, uma *crença* propria dos seus seis mil annos de edade?

Que importa que Portugal, e um ou outro povo, dormite ao impulso que vem do ceo?... Zombae das miseraveis providencias humanas, zombae tambem d'esses triumphos apparentes do vicio: Portugal, e esses outros povos, não passam de individuos de uma familia que é muito mais numerosa. O chefe d'essa familia é Deus; e um tal chefe não póde deixar de encaminhal-a senão ao *bello e perfeito*. Nunca olhemos para um povo, mas sim para o mundo.

Debalde procurareis encontrar na historia (diz um profundo annalista) um acontecimento que seja a exacta reproducção de outro, nas coisas, no facto, e nas consequencias; e acrescenta, que quando outras provas faltassem para demonstrar o progresso, bastava essa. Tudo é sempre novo.

E realmente, nós que temos visto os selvagens d'esta parte da America, que nos achâmos em contacto com tantos *povos* da infeliz Africa que aqui vegetam, pequeno susto nos deve causar o desapparecimento d'essas infinitas nacionalidades que nos aponta a historia, porque, verdadeiramente, somos

uma outra coisa, a epocha é muito diversa, o decreto divino é outro. Diga-se, pois, que o scepticismo é unicamente vaidade, que a descrença nada mais é que fraqueza ou desabafo, e que o materialismo é, e será sempre, a expressão da estupidez orgulhosa e elevada; acrescente-se, que o predominio de tão funestos vicios constituiria a negação do progresso, e ahi acharemos a causa do choque violento que soffrem alguns povos ao reverberar das luzes. Debaixo da pressão d'este choque é que póde estar Portugal. Nada mais.

O mundo já tributou honras e cultos á formosura, á força, á riqueza, á intelligencia, e aos nascimentos privilegiados, sómente pelo acaso feliz da posse d'esses dotes; mas hoje não é assim. Pergunta-se ao individuo pelo uso que fez d'esses dotes que recebeu da natureza, e d'esse poder que o acaso lhe destinou; e se não tiver, no geral, subordinado as suas acções á virtude, cessam as honras e cultos; e a ignominia, o desprezo e a lastima, tanto maiores serão, quanto mais distinctos forem esses dotes.

Salvè, portanto, a nossa epocha, pois que n'ella a virtude affronta afoitamente esses direitos da natureza e das leis, e muito mais n'esta solemne occasião em que a Sociedade Madrépora[1] — pequeno e fraquissimo conjuncto, como o dos mesquinhos viventes cujo nome adoptou — manifesta publicamente o seu modo de pensar, testimunhando no acto que ora se verifica, o respeito, a estima, a veneração que professa á virtude e ao saber de um dos seus homens mais distinctos. Crente de que o progresso é uma realidade, e que no pharol celeste da nossa epocha se acha marcado — verdade e justiça — lisonjeia-se de seguir esse bom caminho, e por isso exprime francamente as intimas bases dos seus principios. Sem temor, póde dizer que não adula o poderoso, que faz mau uso do seu poder, sómente em respeito ao nascimento, curvando-se a uma nobreza herdada, ou ás isenções e grandezas que as leis conferem a outros sem tal nascimento: não lisonjeia o escriptor que negoceia com o seu talento como a meretriz com os seus encantos; não illude o rico, que nos sobejos e migalhas que lhe escapam para as obras pias julga ter feito muito. Não!... não se acha outra explicação para esta nossa obra, que não seja o intimo convencimento em que estamos, de que para seguir o progresso temos de acompanhar o Evangelho, e comprehender d'elle, entre muitas coisas mais, tambem isto: «que é um protesto escripto por Deus, e para os seculos, contra as vãs distincções.»

Está aqui, como se vê, a justeza dos principios que recommendam esta humilde associação, justificando sua liberdade e independencia, sómente pelo convencimento de achar-se no caminho do Evangelho ou do progresso; da virtude ou do dever; do nobre ou do sincero e justo.

Em seguida pediu o sr. Cunha Porto a palavra, e nos fez a gratissima leitura da seguinte carta que recebêra de um nosso poeta, impossibilitado de tomar parte n'esta solemnidade:

S. Domingos, 1 de dezembro de 1861.

«Curvado ao mais profundo desalento; separado quasi de tudo e de todos, parece que o sangue procura hoje revoltar-se contra o gelo que tentára paralisar-lhe a circulação, como para recordar-me que sou portuguez! O patriotismo marcaria tregoas ao desanimo, e eu iria participar comtigo, no Gabinete Portuguez de Leitura, o prazer que de certo sentirás em tão significativa festa, se o não impedissem outras causas.

«É uma Sociedade altamente patriotica, que brinda uma nobilissima Instituição com o retrato do vulto mais saliente de nossos dias. E em que dia! No de mais gratas recordações para todos os bons portuguezes, e mais ainda para aquelles que se acham, como nós, longe da patria. Sejam quaes forem as ligações que nos prendem n'esta terra essencialmente hospitaleira,

«Que ferreo coração esquece a terra
«Que lhe escutou os infantis vagidos,
«E lhe bebeu as lagrimas primeiras,
«Preludio a tantas que no curto espaço
«Da vida ha de verter?...»

«O mesmo auctor d'esses versos, esse, cuja imagem ides exalçar no salão do Gabinete, me diz em uma carta particular:

«Creia em quanto podér, que n'este canto da pe-«ninsula ha uma nação, uma patria, uma pessoa «moral de que faz parte. Isso é uma crença agrada-«vel, animadora.»

«Animado d'estes sentimentos, imagina tu o gozo que hoje sentiria se podesse ver-me entre vós n'esse festejo! Mas não posso, porque, como sabes, uma doença tenaz e muito incommodativa me retem em casa, sujeito ás despoticas prescripções da medicina.

«Faze saber isto a directoria do Gabinete, aos representantes da Sociedade Madrépora, e a todos os amigos que se lembrarem de mim, para que não tomem como indifferença uma falta toda involuntaria.

«Se alguem recitar algum discurso analogo, ou alguma poesia, procura tu uma occasião em que leias, se te parecer que vale a pena da leitura, o seguinte:

SONETO

Salvè! nobre escriptor, cidadão nobre,
Da honra e do saber typo eminente!
Curva-se a ti a lusitana gente,
Louva-te o rude e o sabio, o rico e o pobre.

Esse véo de modestia que te encobre,
Rasga-o da fama a voz eloquente;
Mais foge da grandeza, independente,
Mais teu prestigio tem com que redobre!

Bem vindo sejas, pois, que é mais vantagem,
Teu nome tendo impresso na memoria,
Contemplar-te as feições na tua imagem.

Honra a ti, novo heroe da lusa historia!
Louvor aos que te dão justa homenagem,
E gloria ao *dia* a que tu dás mais gloria!

F. X. DE NOVAES.

Foi depois lido por um director da Sociedade Madrépora o «Hymno de Alexandre Herculano», composto expressamente para este acto pelo sr. Mendes Leal, cuja letra é esta:

HYMNO

I

Saudemos o sabio e o grande,
Que refazendo portentos,
Sobre immortaes monumentos
Um nome poz immortal.

Herculano diz ao mundo,
Diz, apesar dos revezes,
O que ainda são portuguezes
Pelo que foi Portugal.

CORO

Honra ao genio, ao genio gloria!
Seu saber e seu primor,
D'entre as paginas da historia
Erguem da patria o esplendor.

II

Para os évos inclinado,
Austero e grave nos conta
Com'o infortunio se affronta,
Como se ganham laureis.

A sua voz retumbante
Echôa em dois hemispherios,
Quando as lições dos imperios
Ensina aos povos e aos reis.

CORO

Honra ao genio, ao genio gloria, etc.

III

Esse engenho peregrino,
Que o mundo em raios inunda,
Onde a sombra é mais profunda
Mais vivo e claro reluz.

Em fervoroso transporte
«Eis o que fizemos» brada;
E designa o livro e a espada,
Sobre o livro e a espada a cruz!

CORO

Honra ao genio, ao genio gloria, etc.

IV

Restaura os brios com elle,
Quando o infortunio se aggrava,
Terra que nunca de escrava
Póde soffrer os grilhões.

Por elle da campa surge
Rival de Carthago e Roma,
E o antigo posto retoma
No concilio das nações!

CORO

Honra ao genio, ao genio gloria, etc.

V

Feitos e heroes funde em bronze
Para os dar á eternidade;
E nas ruinas da edade
Accende a luz do porvir.

Digno de eternos louvores,
Digno de nossos extremos,
O sabio e o grande saudemos,
Que as palmas faz reflorir.

CORO

Honra ao genio, ao genio gloria!
Seu saber e seu primor,
D'entre as paginas da historia
Erguem da patria o esplendor.

Para coroar esta festividade, o digno director do «Gabinete Portuguez», depois de pronunciar um eloquentissimo discurso sobre o acto a que presidia, declarou que o sr. A. Herculano tinha sido eleito presidente honorario do mesmo Gabinete, cujo diploma lhe ia ser expedido.

Finalmente para os verdadeiros madréporas, isto é, para aquelles que professam de coração os seus principios, e não se limitam a *sentir*, foi um dia de puro regozijo, d'esses que a alma recolhe e forceja por não deixar escapar, procurando involuntariamente não o dar a conhecer. Firmes em manter a sua obscuridade, até que tenham depositado em mãos mais competentes as suas idéas, tanto sorriem elles para o bom como para o mau exito; tanto abalo lhes causa a recusa como o assentimento; e quando passam, pouco lhes importa que sejam vistos.

E isto lhe foi preciso, e é, para não succumbirem no seu commettimento. Sem esta abnegação teriam vergado, e diverso fôra já o seu rumo.

É ocioso dizel-o, mas convem repetil-o, porque o assumpto o pede. Os portuguezes ainda estão muito longe do convencimento de que a sua patria tem mais pobreza espiritual que material; e quasi não crêem seja exequivel pôr termo a esta, fazendo desapparecer aquella. A fome, a nudez, os hospitaes, as criancinhas famintas, e os portuguezes que desejam voltar á patria por doentes, parece que tudo anda embebido no ar que respiram! Ao menos são esses os pontos fixos de todos os seus estremecimentos nacionaes, quer sejam alegres, tristes, pequenos, ou medianos. Até a mocidade, a que já não se póde, pelo costume, deixar de juntar o eterno echo de *esperançosa*, se é curta de idéas, segue a corrente *pobretaria;* se é esclarecida, pimpa de *litterata;* córa-se do sentimentalismo, e eis as *esperanças* que *promettem*, em geral.

Se lhes fallaes para a compra de um livro que os illustrará, um vos fallará n'uma centena de esfaimados, outro vos prometterá uma centuria de versos lacrimosos, que incitarão o genero humano a comprar tantos volumes de Garrett, de Herculano e de Castilho, que se esgotarão até 100 edições! E n'isto ficam. Porém haja certeza, que qualquer d'elles sente pela patria, um o mais extremoso e sensato affecto, outro o mais esclarecido e elevado enthusiasmo!

D'aqui se infira o que será a Madrépora.

De muito poucos? Assim é. E ainda d'esses estão muitos por convencer.

Lançámos aqui estas ultimas considerações, por nos parecer que se faz uma idéa d'esta Sociedade superior ao que ella é em verdade; e nós queremos sempre a verdade comnosco.

UM DIRECTOR DA MADRÉPORA.

A ESTRADA DE BRAGA AO PORTO

Como todas as novas estradas da provincia do Minho, a que liga as cidades do Porto e de Braga parece mais uma rua de uma quinta de regalo, que estrada publica. Pelo seu começo, saindo de Braga, que se vê representado na gravura junta, póde-se fazer idéa da sua formosura.

É uma perfeita alameda de quarenta e tantos kilometros de extensão, correndo sempre por entre prados cultivados, ou atravez de montes cobertos de bosques de carvalhos e castanheiros. Em muitos logares, como se usa em toda a provincia, vão trepando as vides pelas arvores, que debruam a estrada, e pelas que servem de divisão aos campos. Subindo aos mais altos raminhos, pendem depois as vi-

des em longos festões, que unindo-se ás vezes aos das arvores visinhas, formam engraçadissimas grinaldas.

É esta uma das maiores bellezas das estradas do Minho, tanto das modernas como das antigas, e talvez ainda mais d'estas, porque pela sua estreiteza entrelaçam-se as vides de um a outro lado da estrada, fazendo-lhe toldo de verdura.

Offerecendo aquella estrada em todo o seu curso muitos pontos de vista lindissimos, e variados generos de paizagem, qual d'elles mais bello, alguns apresenta aos olhos do viajante que enlevam e extasiam a alma, até a menos propria para sentir taes commoções.

Quando atravessa o rio Ave, junto da Barca da Trofa, e o Leça, nos arrabaldes do Porto, a paizagem que a cerca é verdadeiramente encantadora.

As margens do Ave, sempre apraziveis e pittorescas, ostentam-se alli sob dois aspectos differentes, e ambos formosos. Junto da ponte, que dá passagem á estrada, apertam o leito do rio, e assombram-na com basto arvoredo. Mais adiante dilatam-lhe tanto o alveo, cobrindo-se de brancas e finas areias, que fazem parecer o rio um vasto lago.

Em Leça do Balio o quadro é muito diverso, mas não é menos risonho. O rio Leça não é tão caudaloso como o Ave; não varia tanto de feições; não corre aqui pausadamente entre amenos campos, e debaixo da copa das arvores, para se precipitar mais além sobre fragosas penedias, formando soberbas cataractas.

Mas ainda assim não faltam attractivos ao rio Leça; apesar de humilde tem muito de que se ensoberbecer, quando se encontra com a estrada de Braga, porque dois antigos monumentos ahi lhe fazem companhia, e lhe dão celebridade. O primeiro é a ponte que o corta, e por onde passa a estrada; obra antiquissima, que se jacta de origem romana. O segundo é a gothica egreja de Santa Maria de Leça do Balio, que com as suas ogivas e ameias, com a sua arrogante torre acastellada, nos está fallando d'essas remotas eras em que os ministros de Deus viviam vida meio religiosa, e meio guerreira. [1]

Em torno da ponte e do templo tudo são viços e verdores, ora elevados aos ares sobre troncos seculares, ora estendidos como alcatifas sobre terrenos accidentados. E o rio Leça dando a tudo isto, com purissimas aguas, frescura e animação.

D'este modo, alliando-se e auxiliando-se n'aquelle sitio a arte, a historia, e a natureza, produziram um panorama de triplicado interesse.

A terra mais importante por onde passa a estrada de que nos occupâmos, é Villa-Nova de Famelicão, exemplo vivo, como dissémos em outro numero d'este semanario, da influencia e poder das boas estradas na sorte das povoações. [2]

[1] Veja-se a estampa e descripção d'este monumento a pag. 257 d'este volume.

[2] Veja-se a estampa e artigo a pag. 297 d'este volume.

Foi começada a estrada do Porto a Braga em 1845 pela companhia das Obras Publicas, instituida no anno antecedente. Os successos politicos de 1846 fizeram parar com os trabalhos, e pouco depois acabaram com a companhia.

Entretanto a obra já ia bastante adiantada para que podesse estar por muito tempo abandonada.

Pacificado inteiramente o reino, e restabelecida um pouco a confiança, organisou-se na cidade do Porto a companhia Utilidade Publica, com o fim especial de concluir aquelles trabalhos, e de estabelecer carreiras regulares de diligencias entre as duas cidades, o que levou a effeito na fórma do contrato celebrado com o governo.

Está grandiosa estrada é, póde-se bem dizer, monumental pela sua grande largura, pela solidez das obras d'arte, e principalmente porque inaugurou uma nova epocha de prosperidade para toda a provincia do Minho. É a sua obra de mais valia, n'esta epocha.

Fazendo conhecer e apreciar praticamente a todas as classes, e a todas as intelligencias, os immensos beneficios que os povos colhem da facilidade das communicações, fez convergir a attenção publica de todos os pontos do Minho para os melhoramentos materiaes. E d'aqui resultou essa poderosa concurrencia de esforços e de capitaes, que, auxiliando o governo, tem conseguido em poucos annos cortar de bellas estradas uma grande parte d'aquella rica provincia, pondo já em contacto facil as suas principaes povoações.

A cidade do Porto, a quem a nação portugueza deve grande parte do seu engrandecimento politico, industrial e agricola, se deve tambem o prestantissimo serviço de concluir este vasto ramo da moderna viação.

I. DE VILHENA BARBOSA.



Egreja de Villa do Conde

OS TRES MONUMENTOS DE VILLA DO CONDE

Está sentada Villa do Conde na margem direita do rio Ave, e a pequena distancia da sua foz, o que lhe dá a grande vantagem de ser porto maritimo.

Do seu primeiro senhor, o conde D. Mendo Paes Rofinho, lhe veiu a denominação.

Possue esta villa tres bellos monumentos. O convento de Santa Clara, de freiras franciscanas, é o primeiro em antiguidade e riqueza. Foi seu fundador D. Affonso Sanches, filho natural del-rei D. Diniz, pelos annos de 1318. Em uma das capellas do templo jazem, em rico mausoleo, este principe e sua mulher D. Theresa Martins, filha de D. João Affonso de Menezes, conde de Barcellos. O convento foi reedificado completamente no seculo passado, com taes proporções, e com tão soberba architectura, que a sua fachada principal quadrava melhor a um palacio real. Não conhecemos no nosso paiz outro convento de freiras tão sumptuoso. Aconteceu-lhe, porém, como a todas as nossas obras grandes, ficar por acabar as frontarias lateraes.

Outro monumento grandioso é o aqueducto, que conduz agua de muita distancia para este convento. Corre sobre uma elegante arcaria composta de novecentos e noventa e nove arcos.

O terceiro monumento é a egreja matriz, que deve a sua fundação a el-rei D. Manuel. É um lindo templo de architectura gothica. O portal é muito esbelto e formoso, como se poderá ajuizar á vista da nossa gravura, que dá uma perfeita idéa do frontispicio do templo.

É dedicada esta parochia a S. João Baptista. No anno de 1518, em que se concluiu, foi erigida em collegiada pelo arcebispo de Braga, D. Diogo de Sousa.

É a unica freguezia da villa.

I. DE VILHENA BARBOSA.

CHIQUINHO

(IMITAÇÃO DE UM ROMANCE DE CARLOS DESLYS)

(Vid. pag. 356)

Teve elle proprio esta idéa, e poz-se a caminho para a executar: subiu a escada que conduzia ao quarto da doente, e entreabriu a porta...

Mas, quando ia mesmo a entrar, recordou-se do seu juramento, e principalmente das palavras do doutor. — «A verdade iria matal-a!»

E fugiu, dizendo:

— Morra eu, mil vezes, antes, mas não hei de fallar!

Desde este momento evitou a donzella, e não a viu mais senão diante dos parentes, diante de todos.

O resto do tempo, as horas que passava d'antes ao pé d'ella, ia para o fim do jardim, e lá, sósinho, chorava e resava.

Eis, porém, que o sr. Fonseca e a senhora se offendem pela mudança do seu comportamento, e accusam-no a elle!

— Chiquinho, tu és ingrato para com aquella que te chamava irmão! Isso é feio, menino, muito feio. Não te seria de uma difficuldade infinita teres mais um pouco de paciencia.

Taes foram as crueis palavras que lhe disse a mãe.

Em quanto ao pae, acrescentou:

— Se não te sentes com coragem para esperar, não te contrafaças, pequeno; falla claro. Mandar-te-hei outra vez para Giraldes. Eugenia não precisa de ti para morrer!

Chiquinho, que ao principio ficára indeciso, quiz protestar a sua dedicação, e dizer toda a verdade Mas a commoção não lhe permittiu senão um soluço, e, quando encontrou de novo a palavra, o sr. Fonseca e a senhora já alli não estavam.

De mais a mais, poderiam elles comprehendel-o, e principalmente acredital-o? Chegava-se áquelle ultimo periodo em que, n'uma familia, ja não ha ouvidos, nem olhar, nem raciocinio, nem alma... triste estado, mais terrivel cem vezes do que o lucto, em que a morte não chegou ainda, mas em que cada um a sente já em casa! O pae e a mãe estavam desesperados. A donzella não fallava, não se mexia, não respirava quasi. Lentamente, insensivelmente, á similhança de um clarão quasi extincto, agonisava a pobresinha, na sua longa cadeira, porque não tinha querido que a deitassem na cama, dizendo que o seu leito era um tumulo. A cada instante esperava-se ouvir no quarto o subito grito de desespero que acompanha sempre uma alma querida que voa para Deus.

Quando alguem de lá saía, entrava lá depois cheio de medo, perguntando a todos com o olhar: — «Já se acabou?» É preciso haver tido d'estas horas na vida, para saber o que são!

A pobre chamma, todavia, ainda brilhava; mas, desde os ultimos dias, extinguíra-se a esperança. A ultima phrase da agonisante, havia sido: — «Nunca mais quero ver medicos!» Por isso, despediram-nos immediatamente, e o peior foi que nem elles mesmos fizeram resistencia. Em quanto aos estranhos, e ás pessoas de amizade, já ninguem se atrevia a lá ir.

Grande foi a sopresa de Chiquinho, de quem, de mais a mais, pareciam todos não fazer caso, quando viu entrar na alcôva um personagem desconhecido, com um traje exotico, e uma physionomia mais exotica ainda.

Era um arabe todo vestido de branco, roupeta e albornoz. O seu rosto, amarello como um pergaminho, annunciava já edade avançada; mas seus grandes olhos pretos conservavam um brilho tal, que pareciam ler até ao fundo do coração. Em quanto á sua fronte, que recordava o lustre e o polimento do marfim antigo, era enorme.

O sr. Fonseca fez entrar este estrangeiro como um velho negociante de Tunes, que offerecia joias raras e estofos preciosos. Na vespera, exactamente, capricho d'expirante, a donzella havia desejado vestidos novos. Ao aproximar-se o tunesino, ella manifestou todavia uma especie de repulsão. Mas seu pae disse-lhe, e com uma certa insistencia que impressionou Chiquinho:

— Olha, minha filha, examina á tua vontade, e escolhe qualquer coisa! Dar-nos-has com isso muito gosto, a tua mãe e a mim. Não tenhas pressa, vê com toda a tua paciencia!

Já, como tendo anticipadamente a certeza de ser ouvido, o estrangeiro desdobrava as fazendas, que realmente eram curiosas e bonitas. Mas percebia-se que o homem não estava exercitado n'este mister, além mesmo de não arredar a vista do rosto da doente, que, por sua parte, o considerava fixamente, presa de crescente commoção.

Ou porque essa commoção exercesse n'ella uma secreta influencia, ou por simples curiosidade de menina, conseguiu sentar-se, e principiou a examinar as fazendas, sem deixar todavia de examinar o africano.

Elle, tambem, olhava-a sempre.

Mais ainda: ao passo que gabava os objectos de venda, ia fazendo perguntas ácerca da doença; até encontrou maneira de lhe pegar da mão, e conserval-a entre as suas.

Todavia, depois de haver feito negocio, retirou-se.

O sr. Fonseca e a senhora seguiram-no.

Immediatamente, a menina D. Eugenia chamou Chiquinho com a vista, e perguntou-lhe em voz baixa:

— É um medico disfarçado, não é?

— O que! dar-se-ha o caso que cuide...

— É um medico... responde.

A criança affirmou que era um vendilhão.

— Vae-te, disse ella, deixando cair a cabeça sobre as costas da cadeira.

— Minha menina...

— Vae-te!

E repellindo-o, no instante mesmo em que elle ia abraçal-a, acrescentou:

— Não quero que voltes aqui, nunca mais!

Assim que chegou ao jardim, Chiquinho teve um violento ataque de tristeza.

— Não posso supportar o seu odio! dizia elle, mal contendo os seus soluços. A minha presença incommoda-a, está visto: quero ir-me embora d'aqui. E, de mais a mais, a idéa que teve o pae da menina; e já que hontem m'o disse,... assim será, que tornem a pôr-me em Giraldes!

Pobre pequeno! quando o seu pezar acabasse, já

de certo não quereria partir. Mas, n'aquelle momento, já sem força para resistir mais, perdido de desesperação, correu immediatamente a despedir-se.

O sr. Fonseca morava n'um quarto retirado da casa, e ia-se ao seu gabinete de trabalho, tanto pela escada grande, como por uma escada particular.

Chiquinho habituára-se a este ultimo caminho, e n'essa noite tomou por elle.

Já estava luz na janella, por consequencia é que lá estava já o sr. Fonseca. Chiquinho subiu rapidamente os degraus, abriu sem bater, e levantou o reposteiro; mas de repente a sua mãosita suspendeu-se.

Acabára de ver o tal negociante tunesiano, sentado entre o sr. Fonseca e a senhora, que se conservavam de pé, e o escutavam em attitude de ancioso respeito.

— Que! pensou Chiquinho, será possivel que a Eugeniasinha adivinhasse a verdade!

E sem bulir, como uma estatua, retendo a respiração, olhou, e escutou.

IX

— Dir-me-ha, senhor, — perguntava o Africano — se nunca habitou a Senegambia?

— Durante quatro annos; foi lá que nasceu minha filha.

— Não me resta duvida!

E deixando cair a cabeça, ficou pensativo.

— Que ha, pois? perguntaram, depois de algum silencio, as duas vozes reunidas do pae e da mãe.

Elle levantou para elles um olhar convencido, e respondeu em fim:

— Os seus medicos enganaram-se ácerca do estado d'essa menina. Trataram-na como tysica, e nunca o esteve. Direi mais: para haver por tanto tempo resistido, é preciso que os seus orgãos sejam de forte tempera. O mal que a devora, que a mata, é o flagello dos climas ardentes; tem a febre do Senegal!

— A febre do Senegal! Effectivamente... recordo-me!

— Ah! Porque me chamaram tão tarde!?

— Não resta pois nenhuma esperança?

— Uma só, o supremo recurso n'um caso similhante; mas duvido que se atreva a ter a coragem precisa.

— De que se trata então, Deus meu?

— De um veneno terrivel, de que eu apenas tenho o segredo, e que é o unico que corta esta febre ás vezes. N'este caso a cura é quasi immediata, e o restabelecimento opera-se com uma rapidez que toca o milagre.

— Mas responde o senhor por ella, ao menos?

— Eu disse «ás vezes.» Outras vezes, mais frequentemente mesmo, é a morte instantanea, destruidora!

— Oh! meu Deus! balbuciaram ao mesmo tempo o pae e a mãe, tremendo.

Houve silencio; depois o africano replicou:

— Eu estou a bordo com um lord, em companhia de quem viajo; prevendo já que acceitasse a minha proposta, trouxe o que me era preciso, mas não posso completar os preparativos senão no meu barco; volto ao mar, e até ao saír da lua esperarei alli; passado este tempo, se ninguem me apparecer, largaremos véla, porque devemos partir, e atirarei o frasco ás ondas!

— O frasco?

— Sim. Contém uma porção de dez colhéres, que a doente tomará de hora em hora. De hora em hora, ouvem? Pensem bem!

E, grave, insensivel como um homem de marmore, dispunha-se a saír. Parando de repente, todavia, e tirando do dedo um annel negro, o depoz lentamente sobre a mesa.

— Se o senhor mesmo não for — acrescentou — entregue á pessoa, que enviar, este annel.

— Mas, exclamou o sr. Fonseca com voz trémula, mas se formos matal-a!

— Não está ella perdida já para os seus? — redarguiu o impassivel medico: perdida sem remedio!

— Quem o sabe? murmurou a pobre mãe, cujo olhar melancolico se elevou ao ceo.

— Só Allah tem poder sobre a morte! concluiu o africano. Só Allah póde tudo!

E desappareceu.

Durante alguns minutos a senhora Fonseca e seu marido ficaram silenciosos, immoveis, e com os olhos fixos no annel que parecia ora attrahil-os ora repulsal-os.

Depois, o pae, mais audacioso de certo, deu um passo para a mesa, e lentamente estendeu a mão; a mãe, porém, reteve-lhe o braço!

— Mas, disse elle, se fosse para ella a vida?

— E se fosse a morte para ella?

Depois de um novo silencio, tão profundo d'esta vez que Chiquinho ouvia as pulsações d'aquelles dois corações afflictos, houve uma terrivel scena de hesitação, de combate, de angustias. Parecia que diante d'elles, n'aquella mesa, esse annel era um dado fatal, sobre o qual devessem jogar a vida de sua filha!

O sr. Fonseca pareceu resolver-se em fim; ia agarrar o annel, e partir.

N'esta occasião, assim de noite, e no centro do silencio, ergueu-se subitamente longinquo toque de sinos, soando as Ave-Marias.

— Escuta! exclamou a mãe, n'uma exaltação subita. E a voz de Deus que nos chama, e nos prohibe tentar este impio acaso. Esse homem é o demonio. Fallou de Allah, bem ouviste. O seu Deus não salvaria Eugenia. Não! O nosso é todo poderoso. Chama-nos, para nos salvar! Vem á egreja!

O sr. Fonseca curvou a cabeça, fez o signal da cruz, e deixou-se conduzir por sua mulher.

Por um instante o quarto ficou sem gente. Tudo parecia profundamente adormecido, menos a lampada que continuava a arder sobre a mesa, o annel que continuava a brilhar ao pé da lampada.

Depois, a cabeça de Chiquinho afastou as cortinas; a criança caminhou em seguida, silenciosamente, até á mesa, e ahi parou fixando os olhos no annel.

Finalmente, com a hesitação de quem receia queimar-se, tocou-lhe com o dedo.

A este contacto — seria uma inspiração do ceo que de subito se accendeu no seu cerebro, ou um accesso de loucura? mas Chiquinho mesmo nunca me póde dizer o que o impelliu! — agarrou o annel, saíu, correu até á praia, metteu-se n'um batel, fez-se conduzir ao hiate do lord viajante, e lépido como um gamo, trepou até á tolda.

O africano estava ahi:

— Um instante mais tarde, disse elle, e em saindo a lua partiriamos!

— Eis o annel! disse a criança.

— Eis o frasco! disse o arabe.

(Continúa) JULIO CESAR MACHADO.

A serie de artigos sobre archeologia e antiguidades nacionaes, que hoje começâmos a publicar, são escriptos por um dos mais doutos, laboriosos e verídicos sabedores das nossas coisas.

No *Dicc. Bibl.* do nosso amigo e collaborador Innocencio F. da Silva, t. II, pag. 344, se acha o catalogo das importantes publicações do sr. dr. Fran-

cisco Antonio Rodrigues de Gusmão, tão vario nos assumptos scientificos e litterarios, que já o acreditam e capitulam por um dos mais fecundos escriptores polygraphos do nosso tempo.

Além d'isto, é o sr. R. de Gusmão um dos bons cultores da lingua portugueza, predicado que muito nos affeiçoou á sua escripta, desde que ambos collaborámos na *Revista Universal*, em 1842.

MAL DE S. LAZARO

Sabem todos os lidos em nossas chronicas, que uma das causas que empeceram o desenvolvimento da população nos primordios da monarchia, foi o terrivel *mal de S. Lazaro*, que por largos annos devastou Portugal, estabelecendo n'elle seu formidavel assento. [1]

É vulgar nos testamentos da edade media os legados a *Gafarias* [2], e o grande numero, que d'ellas haviam pelo reino, mostra quanto se achava propagada esta cruel enfermidade. [3]

Felizmente, no seculo decimo sexto principiou a diminuir tão ascoroso morbo. Desappareceu com as cruzadas o gosto das peregrinações á Palestina, tornando-se mais raras as nossas relações com a Syria [4]; e, expulsos os moiros e judeus para o Levante e costas da Berberia, não continuaram a disseminal-o pelo paiz, como d'antes acontecia. Vasco da Gama, finalmente, dobrando o Cabo da Boa Esperança, descobriu mais breve caminho ao commercio das Indias Orientaes, sendo por isso menos directo, desde então, o trato da Europa com a patria da elephantiase, pois, como diz Lucrecio:

Est Elephas morbus, qui propter flumina Nili
Gignitur Ægipti in media, nec prœterea usquam. [5]

Do Nilo junto ás rivas se conhece,
E em nenhures mais, a Elephantiase. [6]

Foi, em verdade, depois d'aquella epocha memoravel, que se encorporaram nos hospitaes communs, e n'outros estabelecimentos pios, as rendas das *Gafarias* [7], collocadas fóra das portas das cidades e das villas, para se manter a sequestração dos miseros gafos em todo o rigor.

Não chegou, porém, a extinguir-se de todo esta molestia horrivel, continuando a manifestar-se, até aos nossos dias, com mais frequencia, em tres provincias das localidades mais proximas do mar e dos rios. [8]

Lançou o sr. Bernardino Antonio Gomes, pae, medico bem conhecido no nosso paiz, olhos de piedade sobre os infelizes elephantiacos; convenceu-se de que muitos se podiam curar, applicando-se-lhes a tempo adequado tratamento.

Mas para se conseguir tão proveitoso fim, era necessario alterar a indole das *Gafarias* que ainda existiam, convertendo-se, de meros asylos de incuraveis, em hospitaes de molestias de pelle, servindo simultaneamente de escholas de ensino.

Demonstram este philantropico empenho os dois notaveis escriptos que publicou em 1821, sobre os seguintes pontos:

Carta aos medicos portuguezes sobre a Elephantiase, noticiando-lhes um novo remedio para a cura d'esta enfermidade. [1]

Memoria sobre os meios de diminuir a Elephantiase, e de aperfeiçoar o conhecimento e cura das doenças cutaneas, offerecida ás cortes portuguezas de 1821.

É opportuna era a occasião de se emprehender reforma tão proficua; os nossos legisladores cortavam denodados por todas as instituições que reputavam inconvenientes, ou nocivas.

É certo que as cortes apreciaram, como deviam, as indicações do dr. Bernardino, mandando-lhes dar cumprimento na sua ordem á regencia datada de 25 de junho de 1821. [2]

Nenhum medico na Europa havia examinado mais elephantiacos do que o dr. Bernardino; observára-os nas *Gafarias* da Madeira, da Bahia, do Rio de Janeiro, de Lisboa.

E n'estes asylos não se recolhiam só e exclusivamente elephantiacos, concorriam tambem os que padeciam *psoriasis*, a *carepa*, a *morphéa*, e outras enfermidades cutaneas escamosas, pustulosas, e maculosas.

De todas estas entidades nosologicas tinha particular conhecimento o dr. Bernardino, e, em um famoso corpo de doutrina, reuniu todas as noções que sobre ellas havia adquirido, publicando o seu *Ensaio Dermosographico, ou succinta e systematica descripção das doenças cutaneas, etc.*

É, por ventura, esta obra o mais glorioso monumento que á medicina portugueza erigiu o dr. Bernardino; trabalho unico no seu genero, entre nós; extrema-se não só pela perspicuidade com que foi tratado este assumpto difficilimo, mas pela adequada nomenclatura que creou, e com que enriqueceu a sciencia.

R. DE GUSMÃO.

[1] *Memoria sobre as causas da differente populaçao de Portugal em diversos tempos da monarchia, por José Joaquim Soares de Barros.* No I tom. das Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

[2] Cetera omnia de meo reposito dentur *lemprosis* Collimbriae. *Testamento del-rei D. Sancho* I.—Item—mando a todos os *gafos* dos meus reinos duas mil libras. *Testamento del-rei D. Diniz.*—Item—mando aos *gafos* de Lixbonna, e de Santarem, e de Leyrena, e de Obidos, e de Coimbra, duzentas libras. *Testamento da rainha Santa Isabel nas Memorias das rainhas de Portugal por Frederico Francisco de la Figanière*, pag. 281.—Para os *gafos* de Lisboa dez libras. *Testamento de Bartholomen Johanes no Panorama, vol.* I, *outubro 10, 1846, pag. 44. Etc.*

[3] *Reflexoes Historicas, pelo conselheiro Joao Pedro Ribeiro, p.* I, *n. 12, pag. 43.*

[4] *Apontamentos sobre as relaçoes de Portugal com a Syria por José Barbosa Canaes de Figueirêdo Castello-Branco.* Nas Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Nova Serie — tom. I, part. 2.

[5] *T. Lucretii Cari De Rerum Natura, l.* VI *v. 1112.*

[6] Traducção inédita do nosso defuncto amigo, o desembargador Agostinho de Mendonça Falcão, que, de todas as que possuimos d'este excellente poema, é a mais aprimorada e elegante.

[7] *Evora Gloriosa pelo padre Francisco da Fonseca, pag. 230.—Memorias Resuscitadas da antiga Guimaraes pelo padre Torquato Peixoto d'Azevedo.—Chorographia Portugueza pelo padre Antonio Carvalho da Costa, tom.* II, *pag. 84, etc.*

[8] Dez annos exercemos a clinica na Beira-baixa em um vasto territorio, e só nos recordâmos de haver visto um unico elephantiaco na *Povoa da Atalaya*, hoje concelho do *Fundao*; exercemol-a, vae em sete annos, em Portalegre, e tambem um unico elephantiaco havemos visto na *Ribeira de Niza*. Nos campos de Coimbra eram numerosos os elephantiacos, no tempo em que frequentámos a faculdade de medicina.

[1] Era o *muriato de cal*, hoje *hydrochlorato de cal.* O sr. dr. Caetano Maria Ferreira da Silva Beirão tambem fez uso d'este medicamento com proveito em dois elephantiacos-escrophulosos. Veja-se a sua *Memoria ácerca da Elephantiase dos gregos e de varias outras molestias de pelle tratadas no hospital de S. Lazaro em Lisboa*, etc. nas Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Nova Serie, tom. I part. II.

[2] *Collecçao dos decretos, resoluçoes e ordens das cortes geraes extraordinarias e constituintes da naçao Portugueza, desde a sua installaçao em 26 de janeiro de 1821. Part.* I, *pag. 106, n. 167.*

Querendo Solon, philosopho atheniense, consolar a um amigo seu opprimido de vehemente tristeza, o levou a uma torre eminente, d'onde se descortinava toda a cidade, e lhe disse:

Considerae, amigo, quantos prantos, luctos, afflicções, desgraças e trabalhos estiveram já, e actualmente estão, debaixo d'estes telhados, e estarão successivamente pelos tempos vindoiros, sem haver dia vago em que a morte, ou o infortunio, não ande visitando já esta já aquella casa. Pelo que, não sendo só vós quem padece, accommodae-vos á condição dos outros mortaes. PADRE MANUEL BERNARDES.